

S. Paulo, 2,6,1904

Mas, Rangel amigo,

Você se complica demasiadamente. A primeira pagina da tua carta parece um fragmento do *Assim Falou Zaratustra* do meu Nietzsche.

—?

— Chegou, sim. Chegou-me o Nietzsche em dez preciosas brochuras amarelas, tradução de Henri Albert. Nietzsche é um polen. O que ele diz cai sobre os nossos estames e põe em movimento todas as ideias-germens que nos vão vindo e nunca adquirem forma. “Eu sou um homem-toupeira que cavo subterraneamente as veneráveis raízes das mais solidas *verdades absolutas*”. E é. Roi o miolo das arvores\_ e deixa que elas caiam por si. Possui um estilo maravilhoso, cheio de invenções e liberdades. Para bem entende-lo temos que nos ambientar nessa linguagem nova.

Nietzsche me desenvolveu um velho feto de ideia. Veja se entende. O aperfeiçoamento intelectual, que na aparência é um fenomeno de agregação conciente, é no fundo o contrario disso: é desagregação inconciente. Um homem aperfeiçoa-se *descascando-se* das milenarias gafeiras que a tradição lhe foi acumulando n'alma. O homem aperfeiçoado é um homem descascado, ou que se despe (daí o horror que causam os grandes homens\_ os loucos\_ as exceções: é que eles se apresentam às massas em trajes menores, como Galileu, ou nós, como Byron, isto é, despídos das ideias universalmente aceitas como *verdadeiras* numa epoca). “Desagregação inconciente”, eu disse, porque é inconcientemente que vamos, no decurso de nossa vida, adquirindo, ou, antes, colhendo as coisas novas\_ ideias e sensações\_ que o estudo ou observação nos deparam. Essas observações, caindo-nos n'alma, lavam-na, raspam-na da camada de preconceitos e absurdos que a envolvem\_ a camada de anti-naturalismos, enfim.

É assim, meu Rangel, que eu explico o fenomeno da *inconfundibilidade* dos grandes artistas, e o fenomeno da pasmosa confundibilidade da caravana imensa dos Goularts e Macucos. E foi assim que cheguei á minha ideia do aperfeiçoamento humano, a *concientização do inconciente*, na qual *medito*. Penso nela como Newton\_ só isso. Senti a maçã cair e penso no que fez cair.

Perdoa-me o pedantismo ou imoestia deste discurso. Mas estou pai presuntivo dessa ideia\_ e que não faz um pai com o primeiro filho? Ainda não ataquei os meus novos Nietzsches porque é coisa que requer silencio e concentração, e este S. Paulo, com seus italianos que anunciam coisas *friescas*, mais os bondes e os autos, anda um horror de barulho. Felizmente as ferias estão chegando, e naquele placido remanso de Taubaté posso dar um mergulho de todo um mês no meu filosofo.

Que crueldade a tua, Rangel, com essa mania de explorar o meu magisterdixismo! Queres agora que eu diga de Byron... Que diga o que penso... Byron era um como nós, Rangel, mais bonito, aristocrata, com muito dinheiro e coxo. Revoltou-se contra o *temple enseveli* que todos temos dentro de nós (Maeterlinck). E como fosse poeta, pôs revolta em versos. Taine estuda-o lindamente na *Historia da Literatura Inglesa*, que tenho aqui. Queres? O mais especial de Byron, para nós, foi a sedução que exerceu nos nossos revoltados poeticos daquele tempo. Todos byronizaram. Era a moda. Como depois todos hugoaram, quando a moda virou Hugo. “Talhado para grandezas, para criar, crescer, subir...” Depois parnasianamos com Raimundo e Alberto. E zolaizamos com Aluizio, etc. Chega.

Sabes que o Nogueira reapareceu? Mas está outro. Está ex. Corado, gordo, sem a cartolinha verde em cima da cabeça e sem o Volney por dentro. Veste-se á positivista. Mas o templo incendiado ainda fumega e ha brasas sob os escombros. As vezes deita uma chama\_ mas é fogo fatuo. Ontem o vi presenciando a demolição da igreja do Rosario. Que quadro! Eram dois demolidos um diante de outro\_ a velha igreja e o Nogueira. Olhavam-se com ternura e entendiam-se.

A proposito dessa igreja disse o *Diario Popular*: “Quem sabe se não é o som dos sinos o que vai depois transformar-se em canto de ave, murmurio de aguas, cicios de brisas, etc.”. Aquelas corruilas do Belenzinho talvez fossem ex-sons, Rangel.

Ricardo, o nosso maravilhoso Ricardo, descamba como um sol. Se continua a viver, é capaz de acabar Cadete ou Joanito\_ tocador de modinhas. Foi reprovado em exame de geometria e *eufemizou*, dizendo que se havia levantado. Não demonstre que sabe da sua bomba; finja, como nós, que acredita no levantamento. Ricardo é sensível como todo um pé de sensitiva. Este mundo não serve para ele, este nosso mundinho idiota. Querer que Ricardo, uma arvore de imagens e sensibilidades ultra-humanas, saiba o quadrado da hipotenusa e outras indecencias! Todos nós, Lino, Albino e Tito, andamos agora rebelados contra o socialismo e a atacar com os mais sordidos argumentos o maravilhoso socialismo-sentimento de Ricardo\_ e ele, em vez de refutar-nos, sofre, vê nisso hipotenusas atacando um perfume. A mim o que está fazendo vacilar nas velhas ideias é um livro de Le Bon: *Psicologia do Socialismo*.

Albino filosofa com a superior intuição de Hegel. Acho-o uma cabecinha de ouro\_ mas serio demais para a nossa roda. Lino, depois da reprovação, parece que assentou; estuda e trabalha. Foi bomba que em vez de destruir construiu. Tito irradia felicidade. Atingiu o ideal supremo: virou o Cabo Eleitoral, o general Glicerio da Academia. Catequizou duas turmas de calouros e impera, papiza infalivelmente, sempre a bambolear o corpanzil como marinheiro recém-desembarcado. O João Ramos

continua trabalhando naquele seu terrível serviço de procurar emprego. Planeja agora uma ida ao Acre, donde voltará derramando dinheiro pelo caminho, como lata furada. Artur jura que o Ricardo é um genio e ai de quem duvide! O prolixo Breves, sempre atento na Patria; ontem me disse que vai “compor um pequeno artigo de interesse geral em que aventará a ideia, bastante evidente aliás, de, como medida preventiva de futuras incursões bolivianas, promover-se a colonização do Acre com elementos etnicos brasileiros, quais sejam (para frisar a ideia com um exemplo) o sempre infeliz e vitimado elemento cearense, que, como a experiencia de longos anos cabalmente o comprova, etc. etc.”.

Tenho lido o teu *Guarujá* e nada digo, porque dizer algo é elogiar e elogiar é estragar. Quanto á *Ave-Maria*, perfeita. Todos aqui fomos unanimes no adjetivo, inclusive o Edgard Jordão. Já combinamos o nosso encontro contigo daqui anos: nas galerias da Academia de Letras por ocasião da tua posse. Tens de te precaver é contra os desequilibrios á Ricardo. Essa instabilidade conduz ao tombo. Repare no maravilhoso equilibrio de Olavo Bilac. E veja o calmo Zola, o calmo Goethe, o calmo Machado de Assis, o calmo Daudet. Ando com ideia de que os tais desequilibrios amalucados, a tal boemia à *outrance*, é falta de confiança em si proprio e preparo de escusas para o fracasso. “Coitado! Seria o maior prodigio de seculo, se não fosse o alcool, se não fosse a desordem, etc.”. E quanto a programa, Rangel, só conheço um que te sirva: rangelizar-te sempre e cada vez mais. Escreve em tua porta isto da *Gaya Scienza* de Nietzsche:

VADEMECUM\_ VADETECUM

*Mon allure et mon langage t'attirent,  
Tu viens sur mes pas, tu veux me suivre?  
Suis-toi toi memê fidèlement  
Et tu me suivras, moi! Tout doux! Tout doux!*

Estou prestes a fechar o meu curso. Entro na “vida pratica” em dezembro e creio que realizarei o meu sonho: ser fazendeiro. A minha vida ideal (isto é, de ideias) está a pingar o ponto final. Vou morrer\_ vai morrer este Lobato das cartas. E nascerá um que te fale em milho e porcos, e te dê receita para acabar com o piolho das galinhas.

Está um frio de fim de vida. Meus dedos enregelam-se. Vou sair, andar, tomar sol. Adeus.

LOBATO